



LETRAMENTO ZOOLITERÁRIO NA ESCOLA

Autora: Katiana Barbosa de Arruda

Universidade Estadual da Paraíba. Email: katianacazu@hotmail.com

Co-autora: Maria Suely da Costa

Universidade Estadual da Paraíba. Email: mscosta3@hotmail.com

Resumo: A leitura é uma prática que proporciona, além de informação e entretenimento, o fomento necessário no processo de conscientização e formação crítica do indivíduo. A Literatura, por sua vez, é capaz de oferecer uma pluralidade de temas, passíveis de suscitar múltiplas maneiras de enxergar o mundo, as pessoas e a si próprio. Leitura e Literatura imbrincadas ampliam as experiências, preparam e, ao mesmo tempo, sensibilizam o leitor para as mais diversas situações. No contexto escolar, no entanto, a prática de leitura dos textos literários necessita ser ampliada, sobretudo, no Ensino Fundamental II, período no qual o aluno adquire maiores responsabilidades e se vê obrigado a caminhar com maior independência. Nessa fase, a escola desempenha um papel importantíssimo, estimulando a convivência e o respeito à diversidade, ajudando na aquisição de habilidades, na formação de valores e na construção de projetos de vida. Pensando nisso, essa pesquisa busca trabalhar a formação do leitor literário, com apoio da literatura de temática voltada para os animais. O interesse está em, de um lado, formar leitores mais proficientes do texto literário, e, de outro, construir uma postura crítica e consciente na relação do homem e seu meio ambiente. Esse estudo de natureza pesquisa-ação terá como metodologia a aplicação de uma proposta de intervenção cuja motivação será trabalhada através do gênero conto, identificados na zooliteratura. Como referencial teórico contamos com os estudos de Candido (1972), Garrard (2006), Eagleton (2006), Kleiman (1995), Lajolo (1993), Maciel (2016), Cosson (2012), entres outros.

INTRODUÇÃO

As atividades requeridas aos alunos no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa oscilam entre dois mundos, o da leitura e o da escrita. No âmbito da leitura, o que se espera é que o aluno, ao fim de sua formação no ensino básico, saia não só capacitado a decodificar e reconhecer diferentes tipos de textos, mas também habilitado a compreender e interpretar o que foi lido.

Entretanto, as potencialidades da leitura vão muito além da decodificação e da compreensão de textos. Podemos atribuir à leitura a responsabilidade pela formação do indivíduo, pois é por meio dela que é possível ampliar e diversificar conhecimentos. A literatura, por sua vez, cumpre um papel ainda mais nobre, pois, além de ampliar e diversificar conhecimentos humaniza e prepara o indivíduo para a vida.

Apesar disso, a relação entre ensino e literatura no Brasil passa por muitos entraves. De acordo com Coenga (2010), esta relação é de iminente falência, em todos os níveis de ensino, tendo em vista que sua função enquanto construtora e reconstrutora da essência humana não tem sido trabalhada adequadamente.

Nesse sentido, o professor se encontra em uma situação desafiadora, qual seja, o de proporcionar o crescimento do leitor literário a partir da promoção do letramento.

No ensino fundamental, por não constituir uma disciplina obrigatória, a literatura fica, muitas vezes, condicionada a pequenos textos ou fragmentos trazidos pelo livro didático.

Dessa forma, faz-se necessário diagnosticar a relação aluno e texto literário, identificando-se melhor as estratégias de como executar a prática do letramento literário, pelo viés da leitura e da escrita, sobretudo, da leitura, verificando quais mudanças podem ser vistas no desenvolvimento de visão de mundo desse aluno.

Pensando no público alvo dessa pesquisa, crianças e jovens domiciliados na zona rural e que lidam, convivem e possuem uma relação bastante complexa com os outros seres e com a natureza, esse trabalho busca intervir na formação do leitor literário, com apoio da zooliteratura, literatura de temática voltada para os animais.

A zooliteratura é um campo que, assim como a Ecocrítica, tem se destacado nas últimas décadas pelo caráter transdisciplinar e universal conferido às discussões sobre a relação entre o homem e o animal.

Surgido nas academias inglesa e americana, tal campo vem se expandindo pela América Latina. No Brasil, essa nova linha de investigação no campo da literatura tem sido abordada pela autora Maria Esther Maciel, a qual acredita ser os estudos animais uma excelente oportunidade para refletir sobre a transdisciplinaridade, a questão do animal, da animalidade e dos limites do humano.

Nesse sentido, todo o olhar voltado para os animais na literatura é muito importante, pois ajuda a fomentar a reflexão e a formar uma consciência crítica em relação ao tratamento conferido ao outro, ao diferente ou, ainda, ao que é desconhecido.

Além disso, a literatura ajuda a difundir a imagem dos animais há muito apagada na sociedade, tendo em vista o avanço das cidades e das tecnologias, progressos que acabaram por negligenciar a todos que, de alguma maneira, não conseguiram se enquadrar na ordem social, restando-lhes, portanto, a margem, o plano do invisível.



É que a Literatura tem o poder de sensibilizar o leitor através do arranjo especial dado às palavras. Segundo Eagleton (2006), a arte literária nos coloca de frente com uma consciência dramática da linguagem, renovando reações dantes habituais e tornando situações cotidianas mais perceptíveis.

E, nesse sentido, o Letramento Literário como um processo que vai além das práticas de leitura e escrita mostra-se extremamente eficaz e necessário para levar o aluno a vivenciar outros contextos sociais, tendo em vista que fomenta valores, conhecimentos, sensibilidade e experiências de vida, possibilitando, portanto, uma nova tomada de consciência diante das diferenças e da diversidade dos seres.

Desse modo, essa pesquisa tem como objetivo trabalhar a formação do leitor literário nas aulas de Língua Portuguesa, nas turmas de Ensino fundamental II, sob o enfoque dos “estudos animais”, de modo que os alunos possam se reconhecer em seu ambiente, tornando-se cidadãos mais críticos e atuantes e, acima de tudo, possam amadurecer como leitores críticos dos textos literários.

O método adotado para este estudo será o da pesquisa-ação e em função da proposta de intervenção, “Exercícios de leitura pela zooliteratura”, será adotada uma metodologia pautada na sequência básica de Cosson, cuja motivação será trabalhada através do gênero conto.

Como referencial teórico contaremos com os estudos de Candido (1972), Eagleton (2006), Kleiman (1995), Lajolo (1993), Maciel (2008), Garrard (2006), Cosson (2012), entres outros.

METODOLOGIA

Para este estudo, optou-se pelo método da pesquisa-ação tendo em vista a possibilidade de estabelecer uma relação direta entre o pesquisador e o grupo participante e, também, por entendermos que o fator comunicativo e interacional que este método denota pode nos levar a resultados mais palpáveis e aproximados da realidade.

Como metodologia teremos uma proposta de intervenção com aplicação de uma Sequência Básica, adaptada de Cosson (2012), cuja motivação será trabalhada através do gênero conto, identificado na zooliteratura.



Os dados coletados serão obtidos por meio de registros escritos, realizados ao longo do desenvolvimento das aulas de leitura e produção de textos, de oficinas e de passeios, cujas etapas serão elaboradas a partir de uma Sequencia Básica Adaptada e que se mostrem relevantes para a análise e interpretação.

Após a coleta de dados, será feita a análise, tomando-se como base os aportes teóricos que fundamentam esta pesquisa. Ademais, serão observadas as principais dificuldades encontradas e superadas ao longo da aplicação da pesquisa, bem como, avaliadas os resultados objetivados com o estudo, de modo que possa vir colaborar com o ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Meio Ambiente no Ensino Fundamental II, servindo, portanto, como suporte teórico e prático para futuros estudos no âmbito acadêmico e do ensino básico.

RESULTADOS ESPERADOS

Ao término das estratégias propostas, acreditamos poder despertar nos alunos o potencial crítico para refletir e discutir sobre as questões ambientais, sobretudo, aquelas que envolvem a relação entre homem e animal, a partir dos mais variados textos e, em especial, os literários, extraíndo destes últimos não somente um potencial estético, mas também um conteúdo pedagógico e necessário para o processo de construção do conhecimento.

DISCUSSÃO

Em 1988, a Constituição Federal imprimiu grande avanço em relação ao direito público subjetivo, sobretudo, no que concerne à garantia à educação e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Tais garantias são o resultado de séculos de luta por esses aclamados direitos, visando nada mais do que o reconhecimento dos valores do homem e do cidadão.

Nesse sentido, foi preciso transpor três dimensões de Direitos Humanos, até que pudéssemos chegar ao atual patamar de garantias individuais e coletivas.

Ainda assim, com as profundas alterações sociais causadas pela globalização e, em prol do reconhecimento de outras tantas minorias discriminadas, tem surgido, de tal modo, a necessidade de se discutir a ampliação do rol de dimensões dos Direitos Humanos ou até mesmo a reconfiguração desse rol para além dos Direitos Humanos.

Fala-se em uma quarta dimensão de direitos, uma dimensão mais universalista, democrática e aberta para o futuro, capaz de inclinar-se ao plano de todas as relações de convivência, sem preconceito e discriminação, atenta ao princípio da fraternidade e ao cuidado com os outros seres.

Os direitos marcados pela quarta dimensão dos direitos fundamentais são justamente os direitos ligados ao pluralismo e à democracia, ou seja, o direito a ser diferente, à informação, à pluralidade em seus mais diversos aspectos, ao respeito das minorias, dentre outros.(SANTOS, 2017, p.8)

Rohden (2005), na obra *Educação do Homem Integral*, chamou a atenção para o cuidado que devemos ter com relação à natureza e para com aqueles que dela partilham.

Para o filósofo da educação, o homem não está aqui na Terra única e exclusivamente para atingir seus objetivos pessoais, ainda que honestos, mas sim, para realizar a razão de ser da existência propriamente humana.

Candido (1995) lembra que, embora tenhamos chegado a um patamar alto em termos de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza, assegurando, desse modo, meios bastantes para suprir nossas necessidades físicas, ainda não atingimos níveis dignos para o alcance de nossa integridade espiritual.

Para ele, o problema paira sobre a essência do ser humano, que carece de um aprendizado precioso, a autoeducação. Aprendizado que tem sido tolhido em função de um direito negado à maioria dos povos, o direito à literatura.

Segundo o autor, é através da leitura dos textos literários que entramos em contato, mesmo que de forma inconsciente, com o vasto campo dos saberes, dos sentimentos e das emoções.

Todo esse rol de possibilidades nos ajuda a ampliar nossa visão de mundo e, por conseguinte, auxilia no processo de reconhecimento e autoconhecimento, experiências indispensáveis quando o que se busca é a essência do ser.

Nesse sentido, “a função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica, inclusive, o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)”. (CANDIDO, 1995, p.178)

De tal forma, faz-se necessário destacar o papel da leitura, enquanto prática que proporciona, além de informação e entretenimento, o fomento necessário no processo de conscientização e formação crítica do indivíduo.

Segundo Kleiman (2002), é através da leitura que se põe em ação todo um sistema de valores, crenças e atitudes refletidas pela comunidade em que se vive.

A Literatura, por sua vez, é capaz de oferecer uma pluralidade de temas, passíveis de suscitar múltiplas maneiras de enxergar o mundo, as pessoas e a si próprio. Leitura e Literatura imbrincadas ampliam as experiências, preparam e, ao mesmo tempo, sensibilizam o leitor para as mais diversas situações.

Contudo, a prática de leitura de textos literários vem se tornando cada vez mais irrealizável na sociedade, inócua aos olhos de muitos e, como se não bastasse, negligenciada pela escola, tornando o quadro ainda mais desolador.

Dessa forma, “a situação do ensino de literatura na escola não deixa dúvidas quanto ao que se pode esperar da formação do leitor literário ou mais precisamente da ausência do leitor literário.” (Cosson, 2014, p.12).

Portanto, no contexto educacional, a prática de leitura dos textos literários necessita ser ampliada, sobretudo, no Ensino Fundamental II, período no qual o aluno adquire maiores responsabilidades e se vê obrigado a caminhar com maior independência enquanto cidadão consciente de seu dever na sociedade.

Nessa fase, a escola desempenha um papel importantíssimo, estimulando a convivência e o respeito à diversidade, ajudando na aquisição de habilidades, na formação de valores e na construção de projetos de vida.

Além disso, o respeito ao outro, no que este possui em termos de diferença, raça, cultura e espécie é também preceito a ser ensinado e intensificado nessa instituição. Esse estímulo à alteridade pode e deve ser instigado através da leitura dos textos literários.

Nesse sentido, entende-se que o papel da literatura é de complementação, por conferir variadas maneiras de ler o mundo e proporcionar, através da plurissignificação literária, saberes e pontos de vista variados. Isso porque,



A literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros (GOULART, 2014, p.64)

Por sua vez, Eagleton (2006), afirma que a literatura tem o poder de sensibilizar o leitor através do arranjo especial dado às palavras. Para ele, a arte literária nos coloca de frente com uma consciência dramática da linguagem, renovando reações dantes habituais e tornando situações cotidianas mais perceptíveis.

Entretanto, a literatura, qualquer que seja a forma de interpretação, requer do leitor uma opção metodológica e prática. Essas opções são guiadas pelo estudo de um conjunto de perguntas e respostas determinado pelo tempo, espaço, autor, leitor, obra, entre outros fatores responsáveis por contextualizar e dar sentido ao texto.

Importante salientar nossa importância e obrigação perante o compromisso para com a proficiência leitora de crianças e jovens, cidadãos sobre os quais projetamos nosso senso crítico e ético.

E, em se tratando de ensinar literatura na escola, o professor cumpre um papel de grande responsabilidade, pois, além de incentivar e servir como referência para o aluno, “é visto como mediador privilegiado tanto pela sua maior experiência de leitura, quanto pela sua proximidade ao aluno”. (COENGA, 2010, p.10).

Tudo isso tendo de levar em consideração a difícil comunhão desses jovens leitores com os livros, assim como, o parco contato com a leitura e, conseqüentemente, com os textos ficcionais, dentro e fora da sala de aula, pois, para grande parte do nosso alunado, esse material só se mostra oportunizado na escola, através da nossa mediação enquanto professores de Língua Portuguesa.

De outro modo, a Literatura tem ajudado a desmistificar através da leitura e da escrita o viés egocêntrico, no qual o homem tem se colocado como soberano, possibilitando, dessa forma, um saber que perpassa a imaginação e passa a formar cidadãos mais críticos, conscientes e solidários em relação aos outros seres.

Para esse contexto de diversidade, relação e aceitação frente à alteridade, discutir a relação entre homens e animais mostra-se uma questão de necessidade, tendo em vista que essa relação tem se mostrado cada vez mais caótica e desequilibrada.

Nesse sentido, nada melhor do que a arte literária para fornecer um olhar mais apurado sobre essa temática.

Ademais, conforme Reigota (2009), as manifestações em prol dos outros seres e do meio ambiente vêm se multiplicando por todo o Brasil e o despertar da chamada consciência ecológica tem propiciado o questionamento da relação entre a humanidade e os demais seres componentes da natureza.

Essa também tem sido a proposta do Ministério da Educação (MEC), que em 2007 trouxe para a grade curricular dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental essa discussão, instituindo como tema transversal e de suma importância a temática ambiental, tomando-se como norte a diversidade.

A ideia é formar, desde cedo, cidadãos mais éticos, receptivos para o contato com diversas sociedades e culturas, modos de vida, concepções de mundo, relações sociais, entre outras situações, todas direta e indiretamente ligadas ao meio ambiente.

Aliás, a preocupação com o meio ambiente tem percorrido as mais diversas áreas da produção cultural. Nesse sentido, já temos como sustentáculo a teoria da Ecocrítica, uma modalidade de análise confessadamente política que procura avaliar os textos e as ideias relacionando-os com o mundo exterior, mas sem deixar de se preocupar com o contexto de produção e recepção.

Nesse sentido, nosso desafio é construir uma proposta de educação pautada também para a reflexão e construção de uma consciência mais ecológica, global e responsável para com o nosso meio ambiente.

É, pois, imprescindível “ecologizar as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem e transformam-se”. (MORIN. 2003, p.115)

Culler (1999) acredita que tanto as obras literárias como as não-literárias podem ser estudadas juntas e, de modos semelhantes, serem cruciais para os discursos e práticas não-literários.

Nesse sentido, um novo campo de investigação que surgiu no exterior e vem ganhando espaço no Brasil e no mundo, através de uma abordagem teórico-crítica é a “Zooliteratura”. Denominada de estudos animais, seu conteúdo tem sido apurado no país pela autora Maria Esther Maciel. A expressão reúne um conjunto de obras e escritores de variadas épocas, cujas práticas literárias se voltam para os animais.

São escritores que incluem em suas obras diferentes categorias do mundo zoo, como as das feras enjauladas nos zoológicos do mundo, dos bichos domésticos e rurais, dos cães de ruas, dos animais classificados pela biologia, das cobaias e das espécies em extinção. E que privilegiam os animais como sujeitos, seres dotados de inteligência, sensibilidade e saberes sobre o mundo, como também exploram literariamente e sob diferentes perspectivas, as relações entre humanos e não humanos, humanidade e animalidade (MACIEL, 2016, p.23).

Esses escritores também são responsáveis por promover uma nova tomada de consciência em relação à natureza e aos animais. E, sob diversas motivações- memorialista, afetiva e, principalmente ética- fazem parte de um grupo interessado em enfocar, resgatar, renovar e, por que não, reconstruir o bestiário tradicional, eivado de funções moralistas, outrora tão incutidas pelas fábulas.

É nesse contexto que se inserem os textos com um enfoque zooliterário. Estes têm se preocupado com as mudanças ocorridas em torno da relação do homem e seu espaço natural e tendem a investigar a complexidade dos animais para a razão humana, incluindo saberes sobre diversas ciências, como por exemplo, a psicologia e a etologia, buscando, dessa forma, incluir nessa literatura, inclusive, um saber complementar sobre o mundo e a humanidade.

A apreensão do humano e do animal, em termos de complementaridade, adquire uma nova relevância, e a ideia de “comunidades híbridas” torna-se uma noção central para que a riqueza e a diversidade das relações do o homem com o animal sejam introduzidas: estas se construindo pelo compartilhamento de sentidos e de interesses que não são, entretanto, estabelecidos por um contrato social de deveres mútuos (LESTEL, 2011, p. 25).

Desse modo, Lestel (2011), entende que devemos pensar a relação com os animais como um fenômeno cultural, a partir de uma perspectiva evolucionária e pluralista. Para ele, que se dedicou a estudar a importância dos animais na cultura, já passou do tempo de não nos deixarmos levar pela vontade de separar o que é próprio do homem e o que é próprio do animal.

Maciel (2016) acredita que as fronteiras que separam os homens dos animais existem porque os humanos ainda precisam se aceitar como animal para se tornarem humanos.



Nesse sentido, ler e compreender a relação entre homem/animal, portanto, é mais que uma vontade ideológica, uma necessidade política ou social, é também fruto de uma apreensão da vida enquanto continuidade e complementariedade, sobretudo, para aqueles que enxergam o lugar e o espaço como unidade de sentido.

CONCLUSÃO

Quando a literatura é apresentada dentro de um contexto e através de uma temática que valoriza as especificidades da comunidade escolar, como é o caso da zooliteratura, linha de estudos responsável por fomentar uma postura mais crítica e sensível na relação entre as pessoas e os animais, essa literatura passa a representar um papel ainda mais importante, qual seja, o de construir uma experiência mais harmônica entre a humanidade e os outros seres.

Nesse sentido, todo o olhar voltado para os animais na literatura mostra-se muito bem-vindo, pois a temática zooliterária, enquanto representação do artístico, político, ético e sociocultural, possui o condão de preparar o aluno para vivenciar outros contextos, fomentando valores, conhecimentos, sensibilidades e experiências de vida, assim como uma nova tomada de consciência diante das diferenças e da diversidade dos seres.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. "O direito à Literatura". In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COENGA, Rosemar. **Leitura e Letramento literário: diálogos**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções Culturais Ltda., 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins fontes, 2006.



GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GOULART, Cecília. Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da literatura. PAIVA, Aparecida [et al.](Org.).In.: **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica Editora, 2014.

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. **Oficina de leitura**: teoria & prática. São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2003.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. MACIEL, Maria Esther. In.: **Pensar/ escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In.: **Vidas secas**. 85 ed. São Paulo: Record, 2002).

MACIEL, Maria Esther. O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea. São Paulo: Lumme, 2008.

_____. **Pensar e escrever o animal**: ensaios de zoopoética e literatura. Florianópolis Editora da UFSC, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROHDEN, Huberto. **A educação do homem integral**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SANTOS, Leonardo Fernandes do. **Quarta geração/dimensão dos direitos fundamentais**: pluralismo, democracia e o direito de ser diferente. Disponível em:<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chromeinstant&ion=1&espv=2&ie=UTF8#q=quarta+dimens%C3%A3o+dos+direitos+humanos>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.